

O SUPORTE DIGITAL PARA ENSINO LITERÁRIO À COMUNIDADE SURDA: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE ESCOLA PÚBLICA DO ESTADO DE PERNAMBUCO

Fernanda Medeiros de Figueirêdo ¹
Gleydson Luiz Alves da Silva ²
Arão Correia da Silva ³

INTRODUÇÃO

A construção de um ambiente inclusivo em sala de aula é uma práxis pedagógica imprescindível a um contexto escolar funcional, no qual o aluno surdo pode, e deve, ter acesso ao mesmo conteúdo estudado pelos alunos ouvintes. O presente artigo tem por objetivo apresentar um relato de experiência vivenciado numa escola da rede estadual de Pernambuco, pautado na obra clássica literária “O Alienista”, de Machado de Assis, sendo esta uma recomposição de conteúdo trabalhada com estudantes ouvintes e surdos do terceiro ano do Ensino Médio, como forma de fortalecer a assimilação do movimento realista na trajetória literária brasileira.

A referida obra foi explorada em sala de aula por meio de suporte digital adaptado ao surdo disponível pela editora Arara Azul, especificamente na versão em CD-ROM (2003), com tradução e interpretação em Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS, e também ao ouvinte, fazendo o uso do livro em *Portable Document Format* – PDF, disposto pela editora Companhia das Letras.

METODOLOGIA

Este relato de experiência foi desenvolvido a partir do assunto “Realismo literário” ministrado por uma professora de Língua Portuguesa da Escola de Referência em Ensino Médio Pedro Tavares, localizada no município de Camutanga-PE, envolvendo uma turma de terceiro ano com 30 estudantes, sendo 28 ouvintes e dois surdos com o auxílio de uma intérprete e um professor de Libras. Utilizou-se o instrumento do artefato cultural da comunidade surda - a

¹ Doutora em Literatura e Interculturalidade pela Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, nandavarzea@gmail.com;

² Mestre em Ciências da Educação pela Universidad de Desarrollo Sustentable - UDS, gleydsonletraslibras@gmail.com;

³ Especialista em Supervisão e Orientação Educacional pelo CINTEP-PB, araocorreia@gmail.com.

adaptação em Libras da obra “O Alienista” – sendo a narrativa trabalhada com toda turma (ouvintes lendo a obra em PDF e surdos observando a adaptação em sinais do mesmo conteúdo), de forma acessível. A prática foi finalizada com uma roda de conversa que estimulou a participação ativa de todos os envolvidos, tratando da importância da diversificação de recursos didáticos como forma de promover acessibilidade na leitura de obras literárias, sendo favorável ao processo de ensino e aprendizagem.

REFERENCIAL TEÓRICO

A Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) é a segunda língua oficial do Brasil, sendo utilizada naturalmente pela comunidade surda brasileira e normatizada pela Lei Federal Nº 10.436/2002, que a reconhece como meio legal de comunicação e expressão entre membros, uma vez que os artigos da lei apresentam mecanismos de ampliação da utilização da língua de sinais pela comunidade surda brasileira. Trata-se de comunidade surda todos as pessoas surdas ou ouvintes que sinalizam e comunicam-se por meio de sinais e expressões, gerando uma comunicação entre membros, não apenas se referindo às pessoas surdas usuárias dessa língua.

Para aporte a esta lei, o decreto federal nº 5.626 de 22 de dezembro de 2005 torna obrigatório o ensino de Libras em todos os cursos superiores de Licenciatura, Fonoaudiologia e Pedagogia, além dos cursos de pós graduação Stricto Sensu, visando contribuir no processo de formação acadêmica e quebrar as barreiras comunicativas no contexto escolar. Além de ampliar vagas em concurso público para Professor de Libras e Tradutor Intérprete da língua de sinais, o decreto oportuniza aos alunos ouvintes o acesso e o contato com a língua da comunidade surda.

Já a Lei da Inclusão Brasileira regida sob o nº 13.146 de 6 de julho de 2015, de acordo com o capítulo IV, artigo 28, inciso XII, destaca a oferta do ensino da Libras, promovendo autonomia e participação no contexto escolar. Com isso, para promover essa participação é preciso que a escola como um todo, planeje ações pedagógicas que incluam a pessoa surda nos diferentes conteúdos desenvolvidos na sala de aula e, assim, garantam o acesso às informações de conhecimentos que contemplem a sua formação.

No estado de Pernambuco, a Libras tornou-se uma disciplina obrigatória, conforme o Diário Oficial do Estado em 17 de novembro de 2017, através da Nota Normativa nº 007/2017, a qual orienta sobre a oferta do ensino de Libras no ensino fundamental e médio da rede estadual de ensino, conforme citado no artigo 69. Nessa premissa, é possível compreendermos que o

ensino e a difusão dos conhecimentos em língua de sinais na escola é um passo relevante para o processo de inclusão da pessoa surda no acesso aos diferentes conteúdos do currículo.

De acordo com Carvalho (2004, p. 17) “se faz necessário assegurar-lhes garantias e práticas pedagógicas que rompam barreiras a fim de não se fazer uma educação inclusiva marginal e excludente”. Essas garantias só são possíveis quando o professor na sua formação e na sua prática educativa planeja, executa e avalia o seu fazer docente, primando pela inclusão da pessoa surda no acesso aos conteúdos.

A Língua Brasileira de Sinais é uma língua natural da pessoa surda – L1 e uma segunda língua adotada pela pessoa ouvinte – L2, ambas integram a comunidade surda brasileira. A partir do contato com a língua em Libras, é importante ressaltar a riqueza de conhecimentos contida na aprendizagem da língua de sinais. Portanto, é válido mencionar que ainda há barreiras comunicativas em nossa sociedade pela ausência da oferta de cursos de Libras que possam minimizar os impactos causados entre surdos-surdos e surdos-ouvintes para se expressarem culturalmente nos padrões da língua.

Conhecer as identidades que constituem a formação do sujeito surdo pode estar condicionado a assumir politicamente sete tipos de identidades: política, híbrida, flutuante, embaçada, transição, diáspora, intermediária. De acordo com estudos de Perlin (1998, p. 19) as identidades surdas estão presentes “no grupo dos surdos que fazem uso da experiência visual propriamente dita, constituindo-se a partir do encontro surdo com surdo, construindo-se no ser surdo.”

As representações da cultura surda está moldada de acordo com a adesão do sujeito surdo no meio ao qual está inserido, bem como relacionando aos aspectos sociais o que irá identificar, a qual identidade o sujeito surdo está enraizado, de acordo com o seu comportamento e jeito de ser. Na cultura surda, a experiência visual e a língua de sinais são vertentes que contribuem para a construção da literatura surda, na qual são feitos os registros pela comunidade surda, sendo um instrumento que viabiliza de forma positiva a aprendizagem dos estudantes com surdez, além de servir como subsídio para novas produções literárias.

O artefato cultural “literatura surda”, dentre suas características literárias, é um instrumento que contribui no desenvolvimento e na formação do ser humano, especificamente aos estudantes surdos, pois estão elencadas configurações sociais que constituem a vida social e cultural da comunidade surda.

A literatura surda é então composta por meios de produções de clássicos que podem ser criados, adaptados e traduzidos. Como exemplos de alguns livros criados pelos surdos temos “A Árvore Surda” e “O Surdo Viajante”, já a história da “Cinderela Surda” e de “Chapeuzinho

Vermelho Surda” são clássicos adaptados, enquanto “Alice no país das maravilhas” e “Iracema” são histórias traduzidas.

De acordo com estudos feitos por Karnopp (2006), a literatura surda representa, por meio de sua produção, as características da comunidade surda, a qual contextualiza a identidade, a cultura e os valores que são fixados no decorrer da história, levando-nos a refletir sobre a vida dos povos surdos e o que possibilita o acesso ao conhecimento proposto através da literatura.

Para Alves; Karnopp (2002), os gêneros narrativos literários em Libras são registros das ações realizadas pela comunidade surda, sendo então um ato político, social, mental e linguístico que contribui para a aprendizagem do estudante com surdez e o leva a conhecer a sua identidade por meio das produções e registros realizados em sua própria língua. Assim, “os surdos contam histórias para outros surdos e constroem, através da língua e da cultura, os sentidos veiculados pelo texto que serviu como ponto de partida para a criação de outro texto” (KARNOPP, 2006, p.21).

A literatura surda representa para a comunidade surda a exposição de sua cultura, memórias que vão passando de geração a geração, sendo registrados, impressos ou gravados em diferentes tipos de gêneros narrativos acessíveis para os povos surdos e toda a comunidade.

Assim a produção da literatura surda é um tipo de registro que pode ser criado, salvo e arquivado por meio das mídias digitais, tornando-se instrumentos essenciais para o desenvolvimento da literatura surda, necessitando ser registrada em livros e em materiais midiáticos. Com o avanço das tecnologias, o uso da internet, as redes sociais, o uso do celular, tablet, entre outros meios tecnológicos de interatividade a serem utilizados pela comunidade surda, o que facilitou para a propagação de sua cultura e, conseqüentemente, a divulgação de suas produções culturais e literárias.

A evolução das tecnologias e as mudanças sociais têm influenciado a difusão dos artefatos da literatura surda, o que tem facilitado a criação de materiais feitos pelos próprios surdos, adaptados e traduzidos. Ainda podemos citar, diante das pesquisas sobre a literatura surda, algumas traduções que foram feitas de textos da língua portuguesa para a Língua Brasileira de Sinais, como por exemplo, os materiais da Editora Arara Azul, entre eles a obra O Alienista (2004), que caracteriza-se como tradução para a Libras de um clássico da literatura. A obra, como outras na mesma perspectiva, contribui para o conhecimento e divulgação do acervo literário de movimentos diversos, nesse caso em específico, do movimento realista, incluindo o aluno surdo na dinâmica de sala de aula voltada para o reconhecimento dessas Escolas Literárias, e o aluno ouvinte para a língua utilizada pela comunidade surda.

Outra aliada do processo de ensino-aprendizagem inclusivo é a tecnologia, que está sempre presente na comunicação de usuários de língua de sinais e também dos ouvintes, sendo uma forma de interação que contribui com a socialização da turma e também auxilia na aplicação das aulas, sendo um instrumento facilitador do ensino de língua portuguesa para surdos, ou mais precisamente para o contato deste público com a literatura brasileira.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No primeiro contato da turma com a obra “O Alienista”, em PDF, os alunos estranharam a linguagem rebuscada comumente presente nos textos literários do século XIX, situação que gerou espaço para debates acerca dos contextos históricos, como também do reconhecimento de conceitos como identidade e alteridade, ou seja, a legitimação do outro. No entanto, esse primeiro contato com a adaptação da obra em Libras, para o surdo, foi mais acessível para aquisição do conhecimento na sua língua, não gerando os mesmos ruídos comunicacionais que a diferença contextual gerou aos ouvintes.

Dessa maneira, a presença de outras ferramentas para a leitura de clássicos já reconhecidos também gera uma outra perspectiva de recepção do conteúdo para todos os alunos, não só para os surdos. Coscarelli (2010, p. 516) confirma isso quando atesta que com o advento da tecnologia, novas formas de ler e escrever passaram a existir: “hoje nossos instrumentos de leitura e produção de textos – os computadores – são multimidiáticos, ou melhor, hipermidiáticos”, sendo assim importantes ferramentas de ensino para pessoas que já reconhecem, pelo hábito do uso, essas tecnologias digitais e se veem em um ambiente mais atrativo e próximo da realidade em que estão inseridos.

A obra executada em sala de aula despertou de forma aguçada a atenção, compreensão e a difusão dos sinais em Libras para uma melhor compreensão do estudo, isso nos leva a entender a amplitude que as obras literárias adaptadas podem contribuir no processo de aprendizagem do estudante surdo, condicionando o acesso ao conhecimento literário em sua língua natural (Libras), bem como um direcionamento do professor em planejar de forma maciça a literatura surda no seu plano de ensino.

As tecnologias digitais são suportes que vislumbram o interesse do estudante surdo por apresentarem de forma estratégica imagens e acessibilidade em Libras, isso faz com que desperte no discente a consolidação concreta e assim formalizarem a compreensão ampla do que está sendo estudado. As tecnologias são aparatos que podem ser apostados no processo de

ensino já que tem resultados significativos além de, ser apontados como ferramentas integradas que podem auxiliar o professor na construção da aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao fim desta análise, verificou-se que a compreensão dos estudantes às obras adaptadas é satisfatória, embora ainda exista uma lacuna de interpretação textual para parte do público atendido que só poderá ser neutralizada quando todos os professores da rede pública de ensino, e não somente os intérpretes e formadores de Libras, pensarem em aulas mais inclusivas e voltadas também a esse público leitor.

Além disso, a carência da acessibilidade dos jovens às obras literárias não é uma realidade apenas do público surdo, uma vez que os estudantes ouvintes também relataram dificuldades em compreender a linguagem clássica adotada na narrativa, que só foi melhor compreendida quando houve uma interação entre a adaptação em Libras e também em quadrinhos.

Palavras-chave: Literatura surda; Língua de sinais, Acessibilidade literária, Inclusão, Pernambuco.

REFERÊNCIAS

ALVES, A. C.; KARNOPP, L. **O surdo como contador de histórias**. In: LODI, A. et al. Letramento e Minorias. Porto Alegre: Mediação: 2002.

ARARA AZUL. **Projeto Coleção “Clássicos da Literatura em LIBRAS/Português em CD-ROM”**. 2005b. Disponível em: < <http://www.editora-arara-azul.com.br/pdf/artigo17.pdf>>. Acesso em: maio de 2024.

ARARA AZUL. **Projeto Coleção “Clássicos da Literatura em LIBRAS/Português em 2005a**. Disponível em: <www.editora-arara-azul.com.br/ProjetoClassicosLiteratura.php>. Acesso em: maio de 2024.

ASSIS, Machado de. **O Alienista**. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2014.

BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. **Língua Brasileira de Sinais**. Brasília/ DF, 2002.

BRASIL. Lei nº 13.146, de 06 de julho de 2015. **Lei de Inclusão Brasileira**. Brasília/ DF, 2015.

- CAMPELLO, A. R. S. **Ensino da literatura visual**. 1. ed. Indaial/SC: Uniasselvi, 2020. 172 p.
- CARVALHO, Rosita Edler. **Educação Inclusiva com os pingos nos Is**. Porto Alegre: Mediação, 2004.
- Coscarelli, C.V. A cultura escrita na sala de aula (em tempos digitais). In: M. Marinho & G.T. Carvalho (orgs.). **Cultura escrita e letramento**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.
- KARNOPP, L. B. Literatura surda. **Educação Temática Digital**, Campinas, v. 7, n. 2, p. 98-109, jun. 2006.
- KARNOPP, Lordenir. **Literatura Surda. Literatura, Letramento e Práticas Educacionais Grupo de Estudos e Subjetividade**. Campinas: ETD – Educação Temática Digital, 2006.
- PERLIN, G. **Identidades surdas**. In: SKLIAR, C. (Org.). A surdez: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 1998.
- PERNAMBUCO. **Instrução Normativa da Secretaria de Estado da Educação 007/201**. Recife/PE, 2017.